Jornal defensor dos interesses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho.

Notícias de Guimarães

Ano 18.º N.º 926
GUIMARÃES, 30 de Outubro de 1949
Red. e Adm., R. da Rainha, 58-A. Tel. 4313
Comp. e Imp., Minerva Vimaranense. Tel. 4177
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Festa de Cristo-Rei

Todos os anos, em plena quadra outonal, em que as folhas, já amarelecidas e quase secas, à falta de seiva, tombam das árvores, que haviam adornado, de parceria com as flores primaveris e os frutos estivais, chama a Igreja Católica a atenção dos seus filhos para que prestem suas homenagens a Cristo, que, tendo morrido uma vez e ressuscitado para todo o sempre, constituíu um reino de justiça, de amor e de paz.

Assim o anuncia o sacerdote católico, quanto canta ou reza o prefácio da missa de Cristo-Rei: «O seu reino (de Cristo) é um reino de verdade e de vida; um reino de santidade e graça; um reino de *justiça*, de *amor* e de *paz*.

Cristo é Rei de Justiça, porque a Justiça é, como escreveu alguém, a virtude dos reis.

E nenhum rei foi justo como Jesus, porque só Ele se fez advogado dos direitos de todos: — do indivíduo, da família, da sociedade e do Estado. Vejamos:

Reeditando e revendo o Decálogo, proclamou o direito que *todos* têm: à vida, ordenando a cada um — «não matarás»; à propriedade — «não roubarás»; e à reputação — «não difamarás».

Proclamou a justiça *familiar*, deixando a unidade e indissolubilidade matrimonial.

Exigira justiça *social* por estas palavras: «O operário é digno de recompensa». E, por estas: «Dai a César o que é de César», fixou a justiça *cívica*.

Cristo é Rei de Amor.

Se a característica do amor é o bem-fazer com doçura, paciência, etc.,: Quem amou como Ele?

Desde Belém ao Calvário, «passou o longo caminho a praticar o bem», e nunca impôs os seus direitos pela força.

Em todas as atitudes, trilhou a via do coração. Tratando com os homens, usou da máxima doçura, espalhou perdões sem conta e manteve inalterável mansidão.

Ao seu exemplo acrescentou esta preciosa ensinança: «Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei».

Cristo é Rei de Paz.

A todos os homens oferece e dá a paz. «Dou-vos a minha paz» — disse.

Desde que cada um, armado da espada da boa vontade, dê combate aos baixos instintos e paixões degradantes — misérias do coração humano! — a paz reina entre os homens, como é mister.

A paz, o Amor e a Justiça!

J.

QUIETUDE

Gosto da paz dos velhos ermitérios,
Dos claustros dos cenóbios medievais,
Das torres das velhinhas catedrais,
Da noite envolta em manto de mistérios.

Gosto da voz dorida dos saltérios,
Dos tons policromados dos vitrais,
Dos cedros e ciprestes ancestrais,
Dos canteiros em flor dos cemitérios.

Gosto do misticismo dos cruzeiros
Nos adros, nos atalhos, nos outeiros,
Dos nichos das *alminhas* dos caminhos;

E no granito eterno das ogivas,
Eu sinto crepitar em chamas vivas,
Glórias d'antanho, nobres pergaminhos.

Outubro de 1949.

MENDES SIMÕES.

Obras na Penha

Sob esta epígrafe lemos há dias a notícia de que « Mesa da Irmandade da Penha solicitou à Câmara que, pela secção de engenharia seja feito o levantamento topográfico para que, com a maior urgência possível, possa ser apresentado o projecto das seguintes obras de grande necessidade para aformoseamento da Penha: regularização da esplanada do Santuário Eucarístico e urbanização dos terrenos que lhe estão anexos».

Confessamos que trememos. Que maiores calamidades estarão reservadas para aquilo que resta da imponente grandiosidade de tão formosa estância? A Penha não necessita da obra do homem para ser bela; a Penha é obra da Natureza e ao homem apenas compete facilitar a observação e o gozo dos esplendores da montanha, nada destruindo e, pelo contrário, procurando descobrir e tornar mais acessíveis todos os seus pormenores e alargando o perímetro estreito e, infelizmente, já tão descalabrado, a que, até agora, se têm confinado as atenções dos seus admiradores.

Falar em urbanização da Penha, em regularização de esplanadas, no alto da montanha, arripia os nervos mais embotados de quem seja capaz de compreender e sentir a beleza e o pitoresco, a grandeza e a imponência daquele conjunto de maravilha.

A Irmande da Penha! Mas que tem essa instituição, aliás respeitada e venerável, cujo fim legal é apenas, e já é muito, a manutenção do culto da sua religião, com a urbanização e as esplanadas da Penha? Não há, mesmo, uma irmandade da Penha. Há uma irmandade de Nossa Senhora do Carmo, que se venera na Penha. A sua mesa deve ser constituida por irmãos que, sem dúvida, serão competentíssimos para, com acrisolados sentimentos religiosos, velarem por tudo quanto diga respeito à adoração da Virgem, símbolo sagrado da religião que professam. Mas a sua missão é absoluta e puramente espiritual; nada têm que se ocupar nem preocupar com o culto profano e, porventura, herético, das belezas naturais e terrenas.

Já, muitas vezes, nos tem impressionado a circunstância, que dentro do âmbito das leis civis não é fácil de compreender, de ser a Irmandade, se é certa a informação corrente no local, proprietária de vastos terrenos da montanha. As irmandes, como associações ou corporações perpétuas que são, não podem adquirir por título oneroso bens imobiliários e, se essa proibição deixou de ser expressa no Código Civil, nem por isso deixaram de vigorar as leis de 1861 e 1866 que as impedem de possuir bens dessa natureza. Terá sido, porém, por título gratuito que os terrenos da Penha são propriedade da Irmandade?

Ainda nesta hipótese, se a aquisição foi feita antes de 1930, deviam esses terrenos pertencer hoje ao Estado por não terem sido convertidos no prazo legal em fundos consolidados e não serem indispensáveis para o exercício do culto.

Seja como fôr, o que não nos parece regular nem conveniente é que tais terrenos não sejam públicos e afigura-se-nos que, da sua expropriação e bem assim dos de uma grande área da montanha a delimitar, já desde há muito se devia ter tratado; expropriação ou sujeição ao regime especial dos monumentos paisagísticos legalmente classificados.

A Penha não é de uma irmandade. E' de Guimarães, é da Nação.

Longe de nós a ideia de que os mesários da Irmande não sejam muito competentes para, como vereadores da Câmara ou vogais da Junta de Turismo, quando destes orgãos administrativos façam parte, cuidarem dos interesses da Penha, mas sujeitando-se às deliberações desses organismos, tomadas em forma legal depois dos assuntos devidamente estudados e discutidos,

CAMPANHA ELEITORAL

Devendo realizar-se no dia 13 de Novembro próximo as eleições para Deputados à Assembleia Nacional, dá-se hoje início, no Distrito, à Campanha Eleitoral, para o que vai realizar-se, às 21 horas, no Teatro Jordão, uma sessão que será presidida pelo ilustre Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria, Sr. Engenheiro Jorge Jardim, devendo usar da palavra os candidatos a Deputados Srs. Dr. Alberto Cruz, Dr. Braga da Cruz, Dr. Antão Santos da Cunha, actual Governador Civil do Porto e P.e Manuel Domingues Basto, Arcipreste de Fafe e, pela Comissão Distrital da U. N., o Sr. Dr. Francisco de Matos Chaves.

O Rotary Club de Guimarães

celebrou a Semana das Nações Unidas

No decorrer da sua sessão de quarta-feira última, que registou numerosa concorrência, o Rotary Club de Guimarães celebrou a Semana das Nações Unidas.

O recinto estava artisticamente adornado com as bandeiras dos diferentes países, ao lado das quais figurava o estandarte de Rotary Internacional.

Presidiu à sessão o Vice-Presidente em exercício, Sr. Dr. João Mota Prego de Faria, que deu a direita ao Sr. Dr. António de Oliveira Braga, Presidente do Rotary Club de Braga, e a esquerda ao companheiro do mesmo Club, Sr. Joaquim Ferreira da Costa, que foi o palestrante da noite, tendo proferido um interessantíssimo trabalho baseado na Carta de S. Francisco e nos fins da ONU, que confrontou com os princípios do Rotary Internacional. O orador ao referir-se ao ideal da ONU fez algumas considerações acerca da acção do Rotary pela paz, tendo sido escutado com muito interesse e muito felicitado no final da sua formosa alocução.

O expediente foi lido pelo secretário Sr. Alberto Gomes Alves, e falaram ainda, no decorrer da sessão, os Srs. Dr. João Mota Prego de Faria, Leandro Martins Ribeiro e Dr. António de Oliveira Braga.

Todos se referiram à bela iniciativa de Rotary, celebrando a Semana das Nações Unidas.

No início da sessão foi feita a saudação à Bandeira Nacional, sendo executado o Hino Nacional.

A quete para o fundo Paulo Harris rendeu Esc. 107$50.

A Visita de Franco

O nosso país foi visitado pelo Generalíssimo Franco, Chefe de Estado Espanhol, o que serviu para estreitar mais ainda os laços de amizade que unem hoje os dois povos.

Franco foi alvo de um acolhimento verdadeiramente apoteótico, em Lisboa e em Coimbra, recebendo nesta última cidade o doutoramento «honoris causa» e retirou para o seu país, depois das honras que Portugal lhe prestou, declarando:

Levo gratas recordações ao sair deste país cujo povo me recebeu com um carinho e uma amizade que corresponde à do povo espanhol e à minha.

Círculo de Cultura Musical

Apesar de todos os esforços empregados, da decidida boa vontade das pessoas que tomaram sobre si o encargo da reorganização do Círculo de Cultura, não foi possível chegar-se, como tanto seria para desejar, a uma solução que a todos alegrasse.

Contra todas as espectativas o Círculo de Cultura não vai por diante. Esgotaram-se todos os esforços e teve de chegar-se à triste conclusão de que os vimaranenses se desinteressaram dessa Instituição que tantas noites de Arte nos proporcionou em épocas anteriores.

Francisco Pereira Mendes, em anos transactos, coadjuvado por outros nomes que bem merecem a nossa estima, e Dr. Alberto Milhão, recentemente, rodeado de outras pessoas que se prontificaram a dar-lhe a sua adesão, fizeram tudo quanto pôde fazer-se para que o Círculo não deixasse de existir.

Baldados foram, porém, todos os seus passos. Do Círculo nada mais resta, agora, do que a recordação saudosa de momentos do maior prazer espiritual que nos foi dado viver.

São assim, muitas vezes, as coisas da nossa Terra!

O 80.º Aniversário da Associação Artística

Com muito brilho, iniciaram-se, no último domingo, as festas comemorativas do 80.º aniversário da fundação da Associação Artística Vimaranense — instituição que através da sua já longa existência muitos e muitos benefícios tem prestado às classes trabalhadoras desta cidade em variados ramos de acção social e para o que sempre tem contado com o auxílio, através dos tempos, de vimaranenses prestigiosos e beneméritos.

As referidas comemorações, que se prolongarão até Fevereiro próximo, iniciaram-se com a abertura, na sede social da Associação Artística, de uma curiosa exposição de pintura de artistas e amadores vimaranenses, a que noutro lugar fazemos devida referência.

Mas não foi só com a abertura da exposição que se notabilizou o começo das comemorações do 80.º aniversário da «Artística». Um outro acontecimento esteve em plano de relevo. Foi a conferência do escritor vimaranense Sr. Dr. Eduardo de Almeida, intitulada: «A' luz da candeia de azeite do filósofo da trapeira». Trabalho admirável, não só pela sua concepção e conceitos mas, ainda, pelo fino recorte literário que a todo o momento patenteava, e que manteve vivamente interessada a assistência durante vinte e cinco minutos. Neste trabalho, admirável sob todos os pontos de vista, pôde o Sr. Dr. Eduardo de Almeida demonstrar mais uma vez os seus extraordinários dotes de inteligência e os profundos conhecimentos que possui das coisas da vida.

Em representação do Sr. Presidente da Câmara Municipal, presidiu ao acto de início das comemorações o vereador Sr. Manuel Alves de Oliveira, que no meio de aplausos procedeu ao corte da fita simbólica da abertura da exposição de pintura. Seguidamente assumiu a presidência da mesa da sessão solene realizada imediatamente, vendo-se a ladeá-lo os Srs. Dr. Henrique dos Santos, vice-reitor do Liceu; João António da Silva Cuimarães, representante da Santa Casa da Misericórdia; José Luís de Pina, comandante honorário dos B. Voluntários; alferes Leite da Silva, representante da L. P.; rev. Avelino Borda, capelão da Associação Artística; Alberto Vieira Braga, representante da Sociedade Martins Sarmento; Amadeu Guimarães, presidente do Sindicato dos Empregados do Comércio e Manuel Magalhães, presidente da Assembleia Geral da colectividade em festa.

Falou em primeiro lugar o professor Sr. Luís Filipe Coelho, presidente da Direcção da Associação Artística e pessoa a quem a colectividade mais deve em dedicação e iniciativa, o qual depois de ter largamente e com brilho dissertado sobre o tema «Mutualismo» e de pôr em relevo o papel que através dos tempos tem desempenhado a Associação que dirige, fez a apresentação do conferente em termos de justa admiração pelos dotes que possui, o que mereceu aprovação da assistência que se manifestou por meio de uma grande salva de palmas.

O Sr. Dr. Eduardo de Almeida proferiu então o seu formoso trabalho, encerrando a sessão, com palavras de concordância com a obra que a Associação Artística vem realizando e de admiração pelo trabalho do orador, o Sr. Manuel Alves de Oliveira, que também foi muito ovacionado.

Professor Egas Moniz

Foi uma grande honra para Portugal a atribuição do prémio Nobel de Medicina ao notável Cientista Professor Egas Moniz.

A proposta para tão merecida distinção havia sido apresentada à Suécia pela Douta Academia de Ciências de Lisboa.

Deste modo se prestou homenagem ao valor do eminente Homem de Ciência, de que tanto nos podemos orgulhar.

Um estabelecimento impõe-se pela marca dos seus artigos

A marca dos melhores impermiáveis

EXCLUSIVO DE

"A IMPERIAL"

Rua de Santo António, 32, 34
403 Telefone, 40157 — Guimarães.

Presidente da Câmara

Regressou de Lisboa o ilustre Presidente da Câmara Municipal Sr. João M. Rodrigues Martins da Costa.

Lêde e assinai o «Notícias de Guimarães»

Círculo de Cultura Musical

DELEGAÇÃO DE BRAGA

VI TEMPORADA

Inauguração, no dia 10 de Novembro, com a apresentação da **ORQUESTRA SINFÓNICA DE FLORENÇA** (do «Maggio Fiorentino») — 95 executantes sob a regência do seu maestro tilular

Igor Markéwitsh

A inscrição está aberta em Guimarães na

Livraria L. Oliveira & C.ª

409

Assegurado o transporte de camionete.

e não como membros de uma associação religiosa.

Na Penha nunca houve uma orientação firme e definida. Começamos por erigir no seu ponto mais elevado uma estátua de Pio IX. Que é que tinha esse Santo Padre com a Penha ou esta com Ele? Pio IX proclamou o dogma católico da virgindade da Mãe de Jesus. Parece que foi por isso que os católicos vimaranenses, residentes no Porto, entenderam perpetuá-lo na memória dos seus conterrâneos com um monumento. Mas não terá sido um contra-senso colocá-lo fora das vistas dos habitantes da cidade, arrumando com Ele para o alto de uma montanha, por sinal que, ao tempo, de bem difícil acesso?

Mais recentemente, quis-se comemorar a aventura audaciosa de Gago Coutinho e Sacadura Cabral da travessia do Atlântico numa frágil aeronave. E onde foram os vimaranenses colocar a águia evocativa desse feito valoroso? Num penedo da Penha! Que relação haverá entre essa soberba estância de turismo e as viagens aérias entre Portugal e Brasil?

Por último, construiram, no local antes destinado a um hotel, um esplendido templo, obra de arte de incontestável valor, mas cuja necessidade se não notava e que muito melhor ficaria em qualquer ponto da cidade ou de qualquer importante aglomerado populacional do concelho, fàcilmente acessível aos fiéis da religião de Cristo que nele quisessem orar.

Antes de um templo amplo para satisfazer as necessidades religiosas dos visitantes da Penha, o que se tornava indispensável era proporcionar-lhes alojamento limpo e confortável, higiénico e asseado, onde eles pudessem permanecer, bem alimentados e agazalhados e, entretanto, quem é crente, em qualquer modesta e tosca capelinha, ou mesmo sem cerimónias litúrgicas e apenas concentrado na sua consciência, pode orar a Deus. Os fiéis não precisam de ir à Penha para rezar. Mas quando lá vão e o local lhes agrada, precisam de comer e dormir para lá poderem permanecer.

No Buçaco não se tratou de construir um templo: edificou-se um hotel monumental e pela montanha até à Cruz Alta construiram-se capelinhas interessantíssimas, diante das quais os crentes podem expandir livremente os seus sentimentos piedosos e os profanos extasiar-se na contemplação de verdadeiras preciosidades artísticas.

Na Penha já se sacrificou muito da sua beleza característica com a abertura de uma *Praça do Toural* em frente ao seu chamado Hotel; a maiores, mais vastas e desoladoras devastações se procedeu para se obter uma grande esplanada, destinada a missas campais, em frente à nova Igreja. Que mais se projectará, que mais poderá caber num novo plano de *urbanização* da Penha? Já temos auto-estradas para o alto de Pio IX, infectando de poeira as tradicionais merendas ao ar livre dos amigos da montanha. Que mais virá ainda? Um campo de futebol ou de aviação? Já desapareceram muitos dos mais belos penedos do cume da montanha substituidos por planaltos nus e estradas de utilidade discutível; a penedia dos seus flancos mais belos está em plena actividade de destruição furibunda. Não teremos razão para nos apavorar quando nos anunciam mais obras de *urbanização*?

Apelamos para o critério da Junta de Turismo, única autoridade competente para assumir a responsabilidade de tudo o que se faça na Penha e para propor à Câmara o suprimento do muito que de útil e necessário ali falta. E, se alguma coisa querem, por força, *urbanizar*, então atentem à vergonha daquele desgraçado arremedo de *bar* que ali se exibe em plena praça principal da estância; urbanizem-no que bem preciso é e bem pouco pode custar.

M.

Nota:

Uma inicial pode valer muito pelos conceitos a que sirva de signa; um nome completo não é para considerar se os merecimentos de quem o usa são desconhecidos e serve de fecho a coisas balofas à volta de uma sujidade.

Isto vai como comentário a uma corrente de opinião que se irrita com certas banalidades, e só ela nos merece esta atenção.

M.

Nota da Redacção — *Inserindo o presente artigo do nosso ilustre colabarador M., damos publicidade a algumas considerações de sua responsabilidade sobre o que se tem feito ou se projecte fazer na Estância da Penha.*

Parece-nos que já se reconheceu o erro de se haver colocado no ponto mais alto da Montanha a estátua a Pio IX visto que se tem pensado em dali a retirar para outro local.

Quanto à construção do templo, «obra de arte de incontestável valor» como afirma M., também não se ignora que a escolha do local tem merecido já outros reparos.

Bem ou mal, o que está feito já não pode ter remédio fácil, e há, portanto, que velar agora pelo futuro da Penha que, em nosso modo de ver e sempre debaixo da melhor intenção, tem merecido à Mesa da Irmandade e bem assim à sua Comissão de Melhoramentos horas de ponderado estudo, muito embora nem sempre os seus esforços tenham sido coroados de bom êxito.

E prestamos, por isso mesmo, a nossa homenagem às boas intenções das pessoas que têm estado à frente dos destinos da Penha e que sempre têm mostrado interessar-se pelo seu progresso.

Garrafas usadas

Um lote de 5 mil e em pequenas quantidades de diversos tipos, vende 378

Mário Sampaio, R. DA MADROA, — 29 — GUIMARÃES —

CASTELO DE GUIMARÃES

Do Sr. Director deste Monumento Nacional recebemos a carta que se segue e gostosamente publicamos:

Sr. Director do «Notícias de Guimarães»:

No último número do jornal que V. ... dignamente dirige, vem inserta a notícia de que, desde o início do ano de 1948 a esta parte, visitaram o venerando Berço de Portugal — o Castelo de Guimarães — 3.188 pessoas. Principio por admirar a precisão estatística do indivíduo que forneceu a V. ... número tão exacto de visitantes, quando no Castelo de Guimarães não existe, nem registo de entradas, nem livro de cobrança ordenado pelo Estado. Temos de concluir que a entidade em questão disse, sob a influência da sua fantasia ou para justificação dos seus maus serviços, um número qualquer, não se lembrando que reduzindo o número de entradas naquele venerando Monumento, prejudicava a verdade oficial, o prestígio de Guimarães e o cumprimento zeloso das suas obrigações.

Não, Sr. Director. No Castelo de Guimarães, durante 1948-1949, devem ter entrado mais de 20.000 pessoas, colocando a meio deste número honroso a desonra vimaranense de todos os que foram massacrados, rotos, insultados e esfarrapados pela garotada ignobil que, durante a Primavera e o Verão, faz do Parque do Castelo centro das suas vilanias e afronta moral e patriótica dos verdadeiros sentimentos do povo vimaranense.

Pela publicação destas linhas se confessa grato e dedicado o Director do Castelo,

Alfredo Guimarães.

ESTA GRAVURA MOSTRA BEM CLARO A MARCA DAS MELHORES

GABARDINES

Mais à frente do que nunca...

"DAVID"

ultrapassa todas as outras marcas de Gabardines. 405

É UM EXCLUSIVO DE

"A IMPERIAL"

Rua de Santo António, 32-34

TELEF. 40157 — GUIMARÃES

ESCLARECENDO

Aloma Club declara que o baile realizado no Salão Nobre da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, no passado domingo, não foi da sua organização, nem outros que se projectam levar a efeito no mesmo local.

411 A COMISSÃO.

CONVITE

A Câmara Municipal de Guimarães e a Comissão Concelhia da União Nacional, convidam os nacionalistas deste concelho a assistirem a uma sessão de propaganda eleitoral onde usarão da palavra os candidatos a Deputados por este Distrito e que se realiza no Teatro Jordão, no dia 30 do corrente, às 21,15 horas, sob a Presidência de Sua Excelência o Senhor Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria.

Guimarães, 28 de Outubro de 1949. 413

AOS FABRICANTES

de Cutelarias, Pentes e Tecidos

Agente comercial, perfeitamente relacionado com ramos dos artigos indicados em Lisboa, pretende representação, para colocação dos referidos artigos nesta praça (Lisboa).

Dão se e exigem-se todas as referências. Resposta com condições, à Rua da Alameda n.º 1 r/c — LISBOA.

CARTA ABERTA ao Sr. Joaquim de Almeida Guimarães

Eu tinha várias modalidades para repetir as afirmações assinadas pelo meu adversário — o obscuro fabricante da freguesia de Creixomil — que tanto estremece este seu devotado e sincero crente porque é um dos melhores do seu rebanho...

Escolhi, porém, a que me pareceu mais consoante à sua educação, a mais contundente, a mais sangrenta, a mais expressiva, a que melhor definisse a sua formação, a inveja dos que o vencem sem necessidade das notas do Banco de Portugal, que ainda há bem pouco tempo lhe faltavam quando, calcurreando caminhos lamacentos — ao sol e à chuva — ministrava o ensino primário aos parolos da aldeia, na sua *cátedra*...

As prepotências e arbitrariedades que o Sr. Almeida tem exercido sobre todos aqueles que não sabem, não podem ou não querem, por falta de coragem, repelir — que não nós, consortes da água da «Fonte do Ribeiro da Foz», que as temos repelido com energia e desassombro — hão-de queimar-lhe a consciência (?) como chumbo derretido... Feitos estes *cumprimentos* vamos ao caso.

* * *

Diz o Sr. Almeida que eu faltei à verdade e fiz trapalhada, porque, por um lado, disse que ele pretendia abichar a nossa água; por outro lado, afirmei que a água dos consortes era a do «Ribeiro da Foz», que não está em litígio.

Que a água que está em causa é a que nasce nos seus terrenos; *essa é que é toda dele.*

Quer dizer, na opinião do Sr. Almeida, a água que nasce nos seus terrenos e corre para o Ribeiro não faz parte deste. Um ribeiro, no seu entender, é uma *enxurreira*: só formado pela água que cai do céu!! Para ele, os ribeiros não têm nascentes terrestres, mas, sim, celestes!!...

Que argumentação!...

O Sr. Almeida é quem está equivocado. A água que pertence aos consortes é toda a que alimenta a corrente, o chamado «Ribeiro da Foz». Foi isso o que afirmamos e consta de documentos. Ouça, Sr. Almeida, o que a tal respeito, textualmente, consta da exposição que fizemos à Hidráulica e que o Sr. ouviu ler na ocasião da vistoria: «As águas dos consortes, na época das regas, são apenas provenientes de nascentes existentes num prédio, *hoje particular*; só no inverno é que costumam ser bastante abundantes, sendo lançados, então, os sobejos no «Ribeiro de Manhufe» — afluente do rio Vizela. Ouça também o que diz o «Tombo da Igreja de S. Tomé de Abação, feito em 1549, na parte referente às águas do meu casal do Assento:

— "E disse João Anes, caseiro, que tinha agua quinteira da «Fonte da Foz» da qual «Fonte» e agua tem esta Igreja e Assento um quarto, desde o dia.... e no tempo da rega tem toda a agua sobredita nos domingos, etc., sem nenhuma pessoa ter em toda nada porque toda é deste «Assento» nos domingos„, etc.

E' esta água da Fonte da Foz com que o Sr. Almeida se quer abiscoitar. Diz o Sr. Almeida que eu também falto à verdade quando afirmo que no terreno, onde nasce a água, existe obras de homem. Então, Sr. do «Souto dos Mortos», não há nesse terreno das nascentes (prédio 500 da Conservatória) cinco presas, que datam algumas, pelo menos, do ano de 1735, como consta de documentos, uma pedra antiquissima de partilha das águas, o aqueduto da corrente que os consortes estão no costume, também antiquíssimo, de limpar e de fazer consertos nele e nas presas? E no penedo donde brota a água não havia, feita nesse penedo, uma caleira ou bica formando fonte e de que hoje ainda há testemunhas? Ouça o que diz, a tal respeito, o chefe da Hidráulica no seu Relatório, que elaborou quando da vistoria ao local: "A água que nasce nesse terreno, e é objecto da presente causa, desaguava no leito do «Ribeiro da Foz», sendo a água em conjunto represada em presas próprias e aproveitada, por partilha secular, na rega de prédios de vários consortes, entre os quais se contam o reclamado (é o Sr. Almeida) e os reclamados (são todos os consortes).

Então essas presas não são obra do homem?

Diz também o Sr. Almeida que eu mandei destruir a obra autorizada pela Hidráulica e rebaixado nesse local o leito do regato, mais dum metro.

Então não foi o Sr. Almeida que fez esse rebaixamento transgredindo a licença da Hidráulica, *concedida*, **apenas**, *para assentar uns tubos de cimento de 0m,12 de diâmetro, através do dito ribeiro*, mas não se limitou a isso: — construiu uma caixa de água, de pedra e cimento, e um cano largo de cerca de um metro de profundidade, rebaixando assim o ribeiro?

Diz ainda o honrado fabricante de tecidos que eu afirmei que a licença que obteve da Hidráulica é precária e pergunta qual foi a decisão do Tribunal que tornou a licença nula e me autorizou a mandar destruir a obra.

Então o Sr. não sabe que nos chamou ao Tribunal e o que consta da sentença? Ouça a sentença de 5 III-1947: — "Procedendo-se ao julgamento provou-se que os arguidos, ao fazerem a mencionada destruição, *são também consortes das ditas águas* e que agindo, como agiram, mandando fazer aquela destruição, procederam em defesa do *seu direito de propriedade*, motivo porque os absolvo a todos e os mando em paz„...

Diz também o homem do «Souto dos Mortos» que não lançou drogas tóxicas nas águas da poça da Fornalha. Outra grossa mentira, pois lê-se em o «Noticias de Guimarães» de 18 de Setembro findo, o seguinte: — «Declaração» — ..... Por isso, deturpa a verdade quando afirma ter deitado apenas *um corante nas pedras onde a familia do tal individuo ia lavar*, porquanto, há testemunhas que presenciaram a primeira inutilização da água *feita pela própria mão do Sr. Almeida*!

Que lhe parece, Sr. dos Mortos, a respeito das mentiras que disse na «Carta aberta» e que aqui lhe são postas a descoberto?!... Os trunfos dos consortes são a Lei, a Justiça e os documentos que têm.

Aqui fica julgado moralmente, esfolado, despido, nu — o homem que mentiu por ódio e por trapalhice.

«Requiscat in pace», no «Souto dos Mortos».

Guimarães — Outubro de 1949.

Capitão Abreu de Lima.

N. R.

Conquanto tivessemos dado já por terminada a discussão no nosso jornal sobre o assunto que originou a polémica entre os Srs. Joaquim de Almeida Guimarães e João Gomes de Abreu Lima, circunstâncias especiais dão motivo a que volte o caso a ser discutido nestas colunas.

Esperamos, contudo, que seja dada por finda, desde agora, tal discussão.

UM GRANDE DESAFIO DE FUTEBOL

sem um impermeável

não pode ser visto com agrado.

Recorra à

CASA LARANJEIRO

Largo do Toural

com exclusivo da marca em

GUIMARÃES

Aguas passadas...

Nos domínios das «Nicolinas»

Quarenta e três anos são decorridos. Tão longe e tão perto!...

Os estudantes liceais andavam cirandando às voltas com as Nicolinas.

Uma dificuldade. Não havia empreiteiro para as Danças. O P.e G. R. formalmente lhes havia respondido: não contassem com ele!

Quem, na crítica emergência, descalçaria a bota?

Na loja-oficina de meu Pai, onde eu laborava, faziam alguns estudantes sua tertúlia. Era-me grato o convívio dos moços escolares. Com o meu pendor para as literatices, sentia-me com eles um estudante amador.

Sem mestres, sem lições, sem exames, sem diplomas, eu era o bárbaro dos estudos. Deste contacto com os escolares, uma natural simpatia nos enlaçava. Eles, vendo em mim o amigo, massacravam-me com solicitações nos apertos das Nicolinas.

— *Você é que podia!...*

Quisera-os dissuadir. Apresentava razões: não fazia versos. Não sabia uma nota de música. Não dançava.

Contudo, dentro em mim uma picadazinha de vaidade incitava-me:

— *Por que não?... Talvez!...*

Tinha, à epoca, um quarteirão de anos. Estava na pujança dos cometimentos.

Então, a sós comigo, dei-me a cogitar no assunto. Tema para encenar?

Na ordem do dia estava a lei sobre a cobrança das pequenas dívidas.

Pronto! — «*Os pequenos no decreto das pequenas... dívidas*».

Agora, o resto — o mais difícil. Meter a letra na música.

Foi a trautear música duma zarzuela espanhola em voga que o primeiro número das Danças surgiu. Não estaria o sentido do verso muito calhado ao andamento vivaz da música. Brigariam.

Dei-me, todavia, por satisfeito, a ponto de, ufano, clamar aos encravados estudantes:

— *Oiçam lá... Vejam se lhes agrada...*

*

Empenhado na tarefa das Danças, requeri para o seu êxito um guarda-roupa decente. Jaime Valverde, costureiro portuense, era o homem das vestiduras. Por vezes, uma farrapada! Não seria assim, nesse ano de 1906. Com esta pequena diferençazinha: a comissão das Nicolinas andava às voltas com o peditório. Dele dependeria o guarda-roupa.

Com a promessa de tudo pagarem, a minha magra bolsa foi andando. Costureiras da terra fizeram, em tecido azul e branco, umas roupas «à marujo». Grupo de crianças grandes brincando com arco. Adriano Trepa, Badoni Couto, Aprígrio de Castro, Veloso de Araújo, João Baptista e mais quantos, eram... uns amores de meninos e meninas! Fernando Chaves, de casaca preta, chapéu alto, laçarote vermelho, caracterizado à Zé-Povinho, era o centro deste grupo gentil.

Na Casa do Conde de Margaride, perguntava-me um filho:

— *Foi o Padre G. R. que fez as Danças?*

Era, afinal, a aprovação da obra. Fiquei contente pela minha ousadia.

E as despesas do guarda-roupa, quando as reembolsaria?

Não tivesse pressa. A seu tempo tudo me seria pago com juros.

Eis a fórmula de pagamento. Um coro da versalhada que constituía a letra das Danças de 1906, dizia, em remate, assim:

Só o estudante
A lei adora,
Pois está livre
Duma penhora.

Risonhamente me cantavam esta passagem para sossegarem a minha preocupação do reembolso.

Para coroa final, lá veio a ceia, num restaurante, ali *Trás dos Oleiros*.

Prato único: uma arrozada. Como sobremesa, cantaram todos, em alto unísono, talvez com o pensamento na minha conta:

Só o estudante
A lei adora,
Pois está livre
Duma penhora.

E eu, para não destoar de tão alegre coral, também juntei a minha voz à voz da mocidade.

Assim lhes passei meu recibo.

Quinta das Aves
Delães

A. L. de Carvalho.

Botas altas de borracha da afamada Fábrica

TCHECOSLOVAQUIA

BATÁ

Vendem-se na:

Sapataria Luso

Explicações

Dão-se para os primeiros anos do LICEU e ESCOLA COMERCIAL.

Informa esta Redacção. 360

Arte e Crítica

Exposição de Pintura na Ass. Artística

Em feliz hora, a direcção da «Associação Artística Vimaranense» quis aliar às comemorações do 80.º aniversário da sua fundação, o culto devido aos *artistas vimaranenses* que, escolhendo o lema — *In artes fraternitas* —, no decurso da existência daquela colectividade, melhor se evidenciaram ou granjearam renome na sua paixão pela «Pintura» a ressumar das suas telas.

Ao visitá-la, logo resplandecem as diversas escolas e as revelações, sem prejuizo das excelências e da vocação natural.

Percorre-se a vasta galeria dos quadros expostos, e, da impressão de beleza de que se nimba a alma, hemos de confessar que excede as preferências pelo que os olhos vêem e exaltadamente admiram.

Desde os chamados «consagrados artistas» aos que recatada e receosamente se fechavam na ingenuidade da sua conveniente inclinação, todos se confessam no mesmo valor das suas aptidões e mesmíssimas qualidades — expressões fiéis do belo e digno cultivado pela «Artística Vimaranense» no revestimento da sua acção cultural que é, a todos os títulos, meritória, valiosa e beneficente.

Nessa *Exposição de Pintura* se vê e observa a arte na vária escala dos seus valores, sem empréstimos que afectem ou hesitações de rebuço, mas, através da qual, ressurge a inflexibilidade afirmativa do valor cultural da nossa Terra.

Adentro desse seu *salão nobre*, a igualdade confessa-se e afirma-se em frescura de ponderação de desenho e de cor, que educa e disciplina as inteligências, como subsiste a operacidade de talentos que, para muitos, era desconhecida.

Não há, ali, afectadas coincidências nem induções que possam proporcionar confusão.

Dócil e gostosamente grácil, é a fidelidade com que a destreza dos pincéis, *crayons* ou lápis explicam as preferencias de cada expositor, desde as cambiantes magistrais em que o Mestre *Abel Cardoso* se torna particularmente apreciado até à transfusão de coloridos impostos pela técnica acautelada e zeloza.

Sem embargos subsistentes, de modéstias, a poeira de arco-íris que, até 28 de Novembro, se dissolverá e volatilizará em *feérie* de maravilha não trará ao pensamento a cerração lutuosa duma noite sem lua.

*

Segundo a ordem imposta pelo *Catálogo* comemorativo, *Abel Cardoso* ocupa o lugar primacial nesta arte inexcedível.

Na pormenorização da sua evolução técnica, os vimaranenses terão ocasião de avaliar o quanto de progressiva se tornou a sua arte de inegualável paisagista, ao estabelecer confronto entre o que se lhes afigura naquela cena de Paris que segreda o *Bairro de S. Quentin*, numa noite de tranquilo repouso e grata azulidade, e a doirada alacridade das suas «Casa de Lavadeiras», «Linho», «Recolhendo Sargaço», «Malhada de Centeio», e «Por entre pinheirais».

Na verdade, nas suas atitudes de revelação e de amor a derrramar-se no próprio amor deste soberbo e aprazível rincão minhoto, *Abel Cardoso* bem merecerá da consideração dos seus conterrâneos e, pelo seu inconcusso direito de conquista, impõe-se-nos como excelso cantor das belezas da nossa velha Guimarães —, ao direito de distingui-lo como a um dos mais dilectos filhos da Terra e sua figura mais representativa entre os grandes pintores vimaranenses: — direito, dizemos nós, de sabê-lo justamente consagrado pela imposição da *Medalha de Oiro da Cidade* —, como nos apraz, neste momento e hora, realçar as faltas cometidas para com o *Sábio Martins Sarmento*, o erudito investigador *Abade de Tagilde*, *Albano Belino*, *Alberto Sampaio*, e *Professor Abel Salazar*, todos dignos duma homenagem póstuma e sincera de quem orienta os destinos do nosso Município — pelo muito que souberam honrar-se, honrando a cidade que lhes foi berço.

A seguir, apontaremos os três inconfundíveis trabalhos do *Prof. Abel Salazar*, que, a par da sua genialidade, como cientista de renome internacional, foi também uma revelação nas artes, em qualquer campo que as tivesse cultivado: — «Impressão da rua», «Nocturno» e «Esquiva» — três tábuas que só uma requintada sensibilidade poderá descobrir na sua elevada concepção artística e que, na pobreza da representação, explicam a inquieta e insaciável preferência das suas excelsas virtudes.

Continua.

L. Coelho.

Nota:

Comunica-nos a direcção daquela colectividade mutualista que a Exposição de Pintura, inaugurada no passado domingo, conservar-se-á aberta ao público até 28 do próximo mês, em todos os dias úteis, das 15 às 19 horas e das 21 às 23, e, aos domingos das 10 horas ao meio dia, devendo nela figurar novos quadros de Artistas e Amadores Vimaranenses que, por exiguidade de tempo, não puderam apresentar os seus trabalhos.

Aos domingos, à tarde, terão lugar, no Salão Nobre daquela Associação, bailes de carácter familiar, com aparelhagem sonora ùltimamente adquirida pela sua direcção e que é dos mais recentes modelos apresentados pela «Luxor».

O caso da Moagem de GUIMARÃES

Agora que o povo é chamado a sancionar com o seu voto a obra governativa do Governo, é momento para fazer eco das mais justas aspirações de cada Terra.

Pelo que respeita a Guimarães muito teremos que pedir, encontrando-se entre as legítimas aspirações o caso da Moagem, que temos defendido sempre com todo o interesse pelo que representa de necessidade para toda uma vasta região.

A nossa Cidade teve uma Moagem privativa, depois denominada Moagem do Minho Ltd.ª e que por erro económico e político, como muito bem disse o Sr. Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria lhe foi retirada ferindo-a nos seus mais legítimos interesses. Note-se bem que não defendemos apenas as necessidades de uma cidade laboriosa mas sim a de toda uma vasta região de que ela é preponderante cabeça. De resto há uma disposição legal que ao ser promulgada responde de facto às circunstâncias de momento do interesse nacional, e que concede a Guimarães nova unidade laboradora igual à que foi retirada. Não queremos de maneira alguma perturbar situações criadas à sombra da ordem estabelecida, mas também não queremos deixar de pugnar pelo cumprimento do determinado, para que não surjam descontentamentos com aspecto justificado.

Guimarães confia em que a sua legítima aspiração seja atendida e que, em breve, a Moagem privativa desta Cidade volte a ser uma verdade, para contentamento de todos e para o engrandecimento da região.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 26, o nosso prezado amigo e distinto médico-radiologista sr. Dr. João Mota Prego de Faria; no dia 28, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Agostinho da Silva Areias; no dia 31, o nosso prezado amigo sr. José Octávio Fernandes Serrano Fernandez Moyor, de Lisboa; no dia 1 de Novembro, a senhora D. Adelaide Rosa de Castro e o sr. José Veloso, de Lisboa, distinto aluno da Faculdade de Medicina; mademoiselle Maria Eduarda Pedrosa Machado, filha do nosso prezado amigo sr. Eduardo Rodrigues Machado, de Lordelo; o menino José Manuel da Silva Gomes, filho do sr. José Gomes e da senhora D. Maria Amélia da Silva, e o sr. João Fernando da Cruz Ramos; no dia 3, a senhora Dr.ª D. Albertina Pereira Mendes Fernandes, esposa do nosso prezado amigo sr. Capitão Francisco Martins Fernandes, e os também nossos prezados amigos srs. Dr. João Fernandes de Freitas e José Alves de Sousa; no dia 4, os nossos bons amigos srs. Gaspar Lopes Martins, Padre António da Costa Pereira Guimarães, António de Almeida e Camilo Laranjeiro dos Reis; no dia 5, a senhora D. Alzira Teixeira e os nossos bons amigos srs. Eng. José Manuel da Silva Carvalho, ausente na Suíça, José Soares Moreira Guimarães e Herculano Matos; no dia 6, o nosso bom amigo sr. Francisco de Assis Pereira Dantas e a senhora D. Francelina da Silva Fernandes Costa, esposa do nosso bom amigo sr. Camilo Nogueira da Costa.

"Notícias de Guimarães" apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

*

No passado dia 28 fez anos o simpático estudante sr. José Manuel da Silva Gonçalves, filho do nosso prezado amigo sr. Dr. José da Conceição Gonçalves.

Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos, sr. Comendador Albano de Sousa Guise e Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Cumprimentamos nesta cidade o nosso bom amigo sr. Dr. António Oliveira Braga, destinto advogado de Braga.

— Esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Marcolino Afonso, do Porto.

— Estiveram em Lisboa, de onde já regressam, os nossos prezados amigos, srs. José Rodrigues Guimarães, Joaquim da Silva Xavier, Gaspar Couto, Amadeu Guimarães, Alexandre Pinto d'Almeida e Simão António Fernandes e esposa.

— Vimos nesta cidade os nossos bons amigos, sr. Coronel António de Quadros Flores e Manuel Joaquim Pinto.

— Das suas propriedades de S. Torcato regressou ao Porto, o nosso prezado amigo sr. António Maria Baldaque de Oliveira Lobo.

— Fixou residência em Lisboa, o nosso prezado conterrâneo e amigo sr. Joaquim Miranda.

— Regressou de Lisboa, o nosso bom amigo sr. José Maria Machado Vaz.

— Regressou, com sua esposa, das suas propriedades de Donim, o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Bonfim Martins Gomes.

— Também regressou, com sua esposa, das suas propriedades de Briona, Taipas, o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alfredo Peixoto.

— Com sua família regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Manuel Gomes de Oliveira.

Doentes

António José Pereira de Lima — *Encontra-se já quase completamente restabelecido dos seus incómodos, o nosso querido amigo sr. António José Pereira de Lima.*

Muito folgamos.

*

Esteve doente mas já se encontra melhor a esposa do nosso prezado Colaborador e amigo sr. João Xavier de Carvalho.

Desejamos o seu completo restabelecimento.

— Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Manuel António de Castro.

Desejamos as suas melhoras.

— Tem passado doente o nosso bom amigo sr. Abílio Machado, proprietário da Confeitaria e Pastelaria Boémia.

Pedidos de casamento

No pretérito domingo, pelo nosso amigo sr. João Carlos Vieira de Andrade e esposa sr.ª D. Júlia da Conceição Mesquita Vieira de Andrade, foi pedida em casamento para seu filho, sr. Gil Mesquita Vieira de Andrade, empregado superior da antiga e acreditada Casa de seu tio e também nosso amigo sr. Damião de Sousa Pinto, a afilhada deste a prendada e gentil Maria Judite de Lemos Macedo, filha da sr.ª D. Lídia Cardoso de Lemos Macedo e de seu falecido marido António Macedo Guimarães.

O auspicioso enlace realizar-se-á brevemente augurando desde já aos noivos as maiores felicidades.

— O nosso amigo sr. Camilo Nogueira da Costa e sua esposa sr.ª D. Francelina da Silva Fernandes Costa, pediram no domingo em casamento para o nosso amigo sr. Benjamim Pereira Caldas Júnior, de Campelos, filho do também nosso amigo sr. Benjamim Pereira Caldas e da sr.ª D. Joana Maria Pereira, a menina Maria América S. Fernandes, filha do sr. António Pereira Fernandes e da sr.ª D. Francelina Correia da Silva, estimados proprietários da Quinta da Cerca de Urgezes.

Aos noivos desde já desejamos as maiores venturas.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Manuel Baptista Pinto

Na sua residência, à Rua de Vila Verde, faleceu na quinta-feira o nosso amigo Sr. Manuel Baptista Pinto, de 40 anos, estimado e considerado guarda-livros da Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra.

A sua morte foi muito sentida, pois o saudoso extinto gozava de gerais simpatias no nosso meio e era muito querido pelos sócios da Fábrica, onde trabalhava com zelo e proficiência.

O extinto, natural de Cabeiras de Basto, era casado com a Sr.ª D. Lodovina Baptista Pires Leite, genro do nosso amigo Sr. João da Costa Oliveira Cosme e da Sr.ª D. Ana Baptista Pires Leite, e sobrinho dos também nossos bons amigos Srs. Manuel da Silva Pinto dos Santos e Jerónimo Baptista Pires Leite (ausente no Brasil).

O seu funeral efectuou se ontem na paroquial de S. Sebastião com numerosa e selecta assistência, entre a qual vimos todo o pessoal da Fábrica da Cruz de Pedra.

O cadáver foi removido, após os ofícios fúnebres e com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

António Fernandes Prado

Contando 67 anos de idade finou-se, na sua residência, à Rua de D. João I, o Sr. António Fernandes Prado, casado com a Sr.ª D. Beatriz da Silva Lima, pai dos Srs. José da Silva Lima e Alberto Fernandes Prado e das Sr.as D. Cacilda da Silva Lima Pires, D. Maria Beatriz da Silva Lima e D. Maria do Carmo da Silva Lima, sogro das Sr.as D. Lucília da Silveira Prado e D. Ermelinda da Costa e Silva Lima e Sr. José Luís Pires.

O seu funeral efectuou-se na quarta-feira, de manhã, para o Cemitério de Atouguia, tendo-se incorporado no préstito bastantes automóveis que conduziam pessoas das relações da família enlutada, à qual apresentamos as nossas condolências.

António Diniz Arade

Na sua residência, à Rua Trindade Coelho, faleceu o comerciante Sr. António Diniz Arade, de 60 anos, casado com a Sr.ª D. Elisiária da Silva; pai das Sr.as D. Maria Flávia, D. Maria de Lourdes, D. Maria Antónia, D. Olívia e D. Engrácia da Silva Arade; sogro dos Srs. Jerónimo da Luz Macedo, funcionário público, e João Baptista Fernandes de Macedo.

O funeral do extinto efectuou-se na quinta-feira, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério Municipal.

A' família dorida apresentamos condolências.

Teatro Jordão

- HOJE, às 15 horas -

APRESENTA

O filme mais aclamado e premiado do ano:

A luz é para todos

com

GREGORY PECK, DOROTHY MCGUIRE, JONH GARFIELD, CELESTE HOLM.

Um filme que servirá de guia para o futuro!

Terça-feira, 1 — às 21 horas

ALAN LADD, DOROTHY LAMOUR, ROBERT PRESTON em

Colheita selvagem

Um drama intenso!
Um drama da vida!

Quinta-feira, 3 — às 21 horas

Sem sombra de suspeita

com

JOAN CAULFIELD, CLAUD RAINS, CONSTANCE BENNETT.

Três mulheres apaixonadas...
Três homens que se odeiam!

Neste programa — as mais recentes Actualidades no **JORNAL FOX.**

Quando lhe mostrarem uma "GABARDINE" veja se é

EXCLUSIVO da **CASA LARANJEIRO**
Largo do Toural
GUIMARÃES

João Mota Prego de Faria
Rua Paio Galvão, 2 — Esquina Ponte (Toural)
GUIMARÃES
Radiologia Geral—Tomografia
Exames ao domicílio.

Casa Oliveira & Silva, Suc.rs

apresenta as mais recentes novidades em

FAZENDAS DE LÃ PARA CASACOS, VESTIDOS E TAILLEURS.

MADEIRAS—BAIXA DE PREÇOS

Alberto Pimenta Machado & Filhos, participam a todos os seus Ex.mos Clientes que, a partir de 1 de Outubro p. f., passam a vender a **madeira aparelhada** aos seguintes preços:

SOALHO APARELHADO DE	1.ª	QUALIDADE	—	32$00
» » »	2.ª	»	—	27$00
» » »	3.ª	»	—	24$00
FORRO APARELHADO DE	1.ª	QUALIDADE	—	17$00
» » »	2.ª	»	—	15$00
» » »	3.ª	»	—	13$00

Mais participam que a serragem de madeira passará desde a mesma data para ESCS. 45$00 cada hora.

A Gabardine «DAVID» ocupa a primasia

«DAVID» garante-lhe uma boa apresentação

«DAVID» impõe-se.

"A IMPERIAL" aguarda a sua visita.

406

Confie nesta Casa será sempre bem servido.

DAVID exclusivo de **A IMPERIAL.**

R. de Santo António, 32, 34
Telef. 40157
GUIMARÃES

Diversas Notícias

Julgamento

Em virtude de um acidente de viação ocorrido em Agosto do ano passado, próximo de Famalicão, quando o Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha, habalisado clínico vimaranense, regressava de Vila do Conde a esta cidade, realizou-se no Tribunal Judicial daquela Comarca o julgamento da causa. Provou-se não ter havido culpabilidade da parte do Sr. Dr. Augusto Cunha, pelo que o Tribunal o absolveu.

Farmácias de Serviço

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Barbosa, ao L. do Toural.

Seja «DAVIDIANO» usando uma Gabardine

"David"

EXCLUSIVO DE

«A IMPERIAL»

R. de S.to António, 32-34

404 Tel. 40157

Guimarães

Comprar uma Gabardine «DAVID» é ter a certeza de ser bem servido.

Exclusivo de

"A IMPERIAL"

Rua de Santo António, 32, 34

407 Telefone: 40157

Guimarães

Farmácia

Trespassa-se numa das mais importantes freguesias do concelho de Aveiro e a curta distância da cidade.

Tratar com Arnaldo Ribeiro — AVEIRO. 394

Vida Católica

Festa de Cristo-Rei — Realiza-se, hoje, no templo de N. S.ª da Oliveira, a Festa Anual em honra de Cristo-Rei, festa dos Organismos da Acção Católica, que revestirá grande brilho, cujo programa é o seguinte:

A's 8 horas, missa rezada e comunhão geral; às 11 horas, missa solene, cantada, seguida de posse e juramento dos novos dignatários de todos os Organismos da Acção Católica.

De tarde, pelas 17 horas, Adoração ao Santíssimo Sacramento, seguindo-se o Sermão por um distinto orador sagrado, Consagração ao S. C. de Jesus e bênção eucarística.

BATÁ

A melhor bota de borracha da TCHECOSLOVAQUIA

Á venda na:

Sapataria Luso

40217

É O N.º DO TELEFONE DE

ADÃO DOS SANTOS

ELECTRICISTA

Rua de Camões n.os 57-59

GUIMARÃES

400

Montagens eléctricas e Rebobinagens de motores

ORÇAMENTOS GRÁTIS.

BATATAS

JÁ ARMAZENADAS e para a sua conservação intacta, APLIQUE

GESAROL

em pó.

Não é tóxico. — Não contém arsénico.

VENDE

Pedro da Silva Freitas
"CHAFARICA"

11, RUA DE SANTO ANTONIO, 13
GUIMARÃES

ROUBO DE AVES

De quinta para sexta-feira os gatunos roubaram 16 galinhas e 1 galo ao nosso prezado amigo Sr. Manuel Joaquim da Silva, hábil guarda-livros.

A razão do roubo foi a da Câmara Municipal ter adquirido os terrenos da Rua 5 de Outubro dispostos para a Avenida Duarte Pacheco, e tê-los deixado sem defesa, ou seja sem muros de vedação.

Os larápios, vendo que o terreno a gatunos era propício, entraram no belo galinheiro do Sr. Manuel Joaquim da Silva, e fizeram uma limpeza no valor de 500$00.

Perante a Câmara Municipal e a Polícia de Segurança Pública, que representa isto tudo sob princípio de organização e garantia pública?

Há que providenciar evitando novas proezas.

MAIS ALGUNS ESQUECIDOS

Tenente Raúl de Andrade

e a sua guerrilha.

Organizou-se, assim, uma coluna irregular, composta na sua maioria de auxiliares do Cuamato e Cuambi, estes últimos grandes adversários dos cuanhamas, de uns 15 ou 20 soldados do Esquadrão de Dragões, apeados, duas camionetes e duas metralhadoras pesadas e instaladas nas plataformas das camionetas.

As operações desta guerrilha (pode-se assim classificar), correram com êxito durante certo tempo, até que, tendo preparado uma armadilha em que caisse o Mandume, foi surpreendida numa emboscada, organizada pelo ex-soba e devida à traição de certos elementos duvidosos e à espionagem sempre activa que aquele mantinha junto dos nossos.

O local, como vim a verificar, cinco meses depois, foi a uns 10 quilómetros a Sul, em plena Zona Neutra, e de Namacunde, onde encontrei uma camioneta queimada, ainda com a metralhadora montada mas inutilizada pelo tempo, pelo fogo e pelos roubos do gentio.

Junto do motor, na frente do carro, os restos queimados de um cadáver que devia ser o do tenente Raúl de Andrade.

Estava na situação de quem procurava atacar, mesmo na surpresa de uma emboscada.

Como aquilo sucedeu nunca se pode tirar a limpo, mesmo pelo depoimento dos sobreviventes, mas parece que, logo aos primeiros tiros, o tenente Andrade caiu morto e quase a seguir, sem tempo de organizarem uma defesa, mais treze soldados do Esquadrão e o chaufeur de uma das camionetas.

Numa situação insustentável, com o comandante morto, os auxiliares dispersos e aterrorizados e catorze europeus abatidos de pouco mais de 20 que constituiam a guerrilha, os sobreviventes apenas tiveram tempo de recolher os mortos e retirarem para Namacunde.

Ficou lamentàvelmente esquecido o corpo do Comandante, do tenente Raúl de Andrade.

Foram sepultados esses catorze combatentes na cerca da Residência de Namacunde, indistintamente, sem nada que os diferençasse senão uns modestos montículos de terra e umas pobres cruzes, talvez de caixotes, sem qualquer nome que os assinalasse.

Talqualmente os 25 soldados do antigo Regimento de Infantaria 20, que esta gente de Guimarães deixa repousar esquecidos onde o esforço dos seus conterrâneos garantiu, na ocupação, a posse daquelas nossas terras.

Este acontecimento causou profunda impressão em todo o Planalto, e já se pensava em que voltariamos ao tempo das grandes revoltas do gentio.

*

Saí da N'Giva em fins de Julho de 1916, quando se projectaram estas operações e deixei aquela gente atarefada com os preparativos feitos com todo o segredo.

Terminava a minha comissão em 10 de Agosto desse ano e já contavam comigo em casa lá para Setembro ou o mais tardar em Outubro.

Mas em Mossâmedes, onde me demorei à espera de lugar nos vapores da carreira, sucedeu-me uma aventura em que se me foram numa noite todas as economias que forçadamente acumulei nesses dois anos de comissão, por não ter processo de qualquer natureza para as gastar, mas que apareceu certa noite nessa cidade e as derreteu em poucas horas.

Afinal ainda estou para saber se foi um bem ou se foi um mal, porque não devia a cabeça a ninguém e era solteiro.

Neste meio tempo a guerrilha do tenente Andrade percorria aquela região do Cuanhama à espera do momento de apanhar o Mandume desprevenido e precisamente no dia em que de novo voltava ao Lubango, um tanto ou quanto desasado mas nunca desanimado do futuro, aos 28 anos, recebe-se lá a notícia deste desastre.

No caminho de minha casa para a Residência do Governador cruzei-me com a ordenança que me ia transmitir um convite.

A minha ideia era a de me oferecer para voltar a esse território que há pouco deixara e onde porventura a minha presença podia ser necessária, e o convite era precisamente para o mesmo fim, dada a circunstância de certas funções burocráticas impedirem um oficial de se juntar à sua unidade cuja sede era mesmo na N'Giva.

Claro que apareci como um salvador e esse novo serviço foi para mim a salvação imediata de certos transtornos que me causou a aventura de Mossâmedes.

Cheguei à N'Giva três dias depois porque dessa vez puseram à minha disposição um camião que só gastou esse tempo nos 400 quilómetros que separam essas duas localidades.

Conquanto aquele acontecimento tivesse abalado profundamente toda aquela gente, o sossego era completo porque o Mandume, com receio de represálias nossas e dos ingleses, a quem reclamamos imediatamente o mais severo castigo, internou-se ainda mais nos territórios da União, não dando mais sinais de si por aqueles tempos mais próximos.

Poucas semanas depois, já nos princípios de Novembro, o capitão Teixeira de Almeida terminou a sua comissão e retirou para a Metrópole.

Fui então convidado para esse cargo, tão rodeado de prestígio e de misteriosas dificuldades diplomáticas, que recusei, só aceitando depois de muito instado e de me garantirem que eu era, nessa ocasião, a única pessoa em condições de o desempenhar com a urgência que o caso requeria.

O que por lá me sucedeu, desde 20 de Novembro de 1916, dia em que tomei posse, até 8 de Setembro de 1917, em que deixei de exercer esse cargo, depois de várias tentativas malogradas para me substituirem, o que só consegui com uma declaração de doença, hei-de contá-lo qualquer dia.

Já fui encontrar esses nossos camaradas sepultados na cerca da Residência e a reclamação feita para castigo deste acontecimento.

Três meses depois chegou a Namacunde uma coluna de tropas sul-africanas para satisfazerem a nossa reclamação e também para meterem o Mandume na ordem, pois já nem aos seus protectores se submetia.

Daí resultou um combate, no dia 7 de Fevereiro de 1917, em que os sul africanos tiveram 9 mortos e 19 feridos, apenas em pouco mais de uma hora de operações.

O Mandume sucumbiu valentemente à frente dos seus homens, sendo abatido com três tiros de metralhadora, em pleno peito, na ocasião em que tentava fazer uma sortida da sua embala cercada.

Assim foram vingados esses nossos 15 esquecidos e valentes combatentes do Sul de Angola.

Ao funeral desses 9 soldados sul-africanos compareci como Residente e uma força portuguesa, das tropas que colaboraram com as sul-africanas no guarnecimento da fronteira, para lhes prestar as honras fúnebres.

Os responsos fúnebres foram resados por um padre católico e dois protestantes, que acompanhavam aquelas tropas.

Parece-me que ainda estou a ver aquele espectáculo grandioso e solene, ao entardecer, no grave silêncio daqueles mil e tantos homens formados em semi-círculo, em volta das campas dos soldados deles e dos nossos, que foram ali vingar.

Só se ouviam as vozes graves e profundas dos sacerdotes que, por sua vez, iam lançar sobre aquela terra as bênçãos e as orações do ritual.

Aos nossos mortos, que estavam marcados pela força portuguesa alinhada ao longo dos pobres montículos, o sacerdote católico, depois de me pedir que o acompanhasse, foi resar os responsos àqueles que para ali jaziam quase esquecidos.

A seguir, as três descargas da ordenança, que foram acompanhadas pelos nossos soldados.

No final e depois de uma alocução do coronel de Jagger, comandante da expedição, retumbou por aquela vastidão um coral religioso entoado por um milhar de vozes.

Nunca me senti tão comovido como nessa grandiosa homenagem aos nossos pobres combatentes, ignorados e esquecidos.

*

Em 1920, os sul-africanos, depois de definitivamente se ter marcado a fronteira ao Sul de Namacunde, foram ali levantar esses seus mortos para lhes dar jazida mais honrosa e na terra da Pátria.

Nessa época, há 20 anos, estava eu na Huila mas ninguém se lembrou de que, tendo sido o único oficial português que tinha assistido a estes acontecimentos, devia ser chamado para fazer parte da representação do nosso Governo nessa cerimónia da trasladação.

Também me parece que esses nossos soldados e o seu comandante, tenente Raúl de Andrade, nem têm nada que comemore esta acção, nem talvez ninguém se lembre deles.

Mas o primeiro acontecimento, o da emboscada do Mandume, já sucedeu há 33 anos, precisamente em Outubro e o outro, o da trasladação dos soldados sul-africanos, há 20.

Tempo suficiente para o esquecimento, a não ser para quem estivesse lá e nessa recuada época.

Jugueiros — Felgueiras, 14-10-49.

A. de Quadros Flores.

Nota — O título deste episódio, que continua neste número, é o que presentemente tem e não o de «Coisas de Caçadas» como por lapso saiu no número antecedente.

E onde se leu *Presidentes* ou *Presidente* deveria ler-se: *Residentes* ou *Residente*. A rectificação fica assim feita.

Salvé 28-X-949

Na passada sexta-feira completou 52 anos o Ex.mo Sr. Agostinho da

Silva Areias, importante industrial em Covas.

Nesta data festiva, os seus empregados vêm por este meio felicitá-lo, pedindo a Deus o conserve por longos anos à frente da sua indústria, a fim de lhes continuar a dispensar o carinho com que os trata, o que sensibilizadamente agradecem, cumprimentando também sua Ex.ma Esposa e Filhos e, destes, em especial seu filho Armando.

410 *Os Empregados.*

"20 Arautos de D. Afonso Henriques"

Na sede deste grupo recreativo, iniciaram-se, na quinta-feira, as comemorações da passagem do 20.º aniversário da sua fundação.

Assim, na respectiva sede, houve uma sessão solene, abrilhantada pela Tuna do grupo. Na sexta-feira foi servido um «Porto de Honra» aos associados, seguindo-se várias diversões. Ontem foi rezada missa por alma dos consócios falecidos e dado bodo aos pobres, encerrando-se as comemorações hoje com um jantar de confraternização, que terá lugar na respectiva sede, à rua de S. Dâmaso. Em comemoração deste acontecimento recebemos dez escudos para os pobres protegidos deste jornal, em nome dos quais agradecemos.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . .	14.875$00
Recebemos de «Os Carlos», de Lisboa, para solenizar, no dia 4 de Novembro, o «Dia de S. Carlos»	30$00
Do Grupo Recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques».	10$00
De um anónimo . . .	10$00
A transportar . . .	14.925$00

Com as importâncias agora recebidas contemplámos alguns pobres muito necessitados, em nome dos quais agradecemos.

PRECISA-SE quarto com duas camas e mobília para 2 cavalheiros, solteiros. 342
Nesta redacção se informa.

Prédios -- Vendem-se:
Na Rua Gil Vicente, n.os 59 a 65, habitação devoluta; N.os 67 a 77, toda devoluta no fim do corrente mês. Mostra as mesmas, no n.º 73.

DECLARAÇÃO

Manuel de Faria, industrial, desta cidade, a respeito duma queixa apresentada na Polícia de Guimarães por Cândido Barbosa de Oliveira, contra a sua pessoa, vem, por este meio, declarar que a citada queixa diz respeito à venda duma fourgonette que o declarante comprou ao queixoso. Ora o declarante nunca se recusou a entregar a importância do custo da dita fourgonette, como o queixoso pretende insinuar, nem tampouco essa respectiva importância lhe foi pessoalmente exigida. O declarante, simplesmente, como é óbvio, aguardou o recebimento da declaração de venda devidamente assinada, para lhe poder fazer tal liquidação, o que até agora não aconteceu.

Faz a presente declaração para evitar suposições erradas, pois nnnca se negou a pagar francamente o que deva e que esteja devidamente legalizado. Outrossim não será capaz o queixoso, pois só com absoluta má fé é que podia ter apresentado queixa contra o declarante, sabendo muito bem como as coisas se passaram. E, de resto, a Polícia de Guimarães, encarregada do caso, prestará justiça a quem a merecer.

Guimarães, 28 de Outubro de 1949.

414 *Manuel de Faria.*

Explicações

EXPLICADOR competente prepara alunos para **exame de admissão** e lecciona o **1.º ciclo** dos liceus,
e . 341

SENHORA habilitada lecciona, de preferência, o **2.º ciclo liceal**. Pedir informações na Livraria L. Oliveira & C.ª e nesta Redacção.

MADEIRA DE CASTANHO
COM 6 E 8 ANOS DE SECAGEM
A. CASTRO & IRMÃO
Vendem desde 1.700$00 cada m³ assim como todas as madeiras de construção civil, aparelhadas e em pelo, a preços de concorrência. Visitem esta estância, à Rua Abade de Tagilde — Avenida Alberto Sampaio, póximo à Senhora da Guia. Telefone p. f., 4286 — Guimarães.
Adelino de Castro Costa,
371 *António de Castro.*

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
CASA CHAFARICA
(REGISTADA) 1990
Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES
Anexo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quinta:
CORRESPONDENTES de:
Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Portugais, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.
DEPOSITARIOS de:
Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos "Shell", Sociedade de Produtos Lácteos.
Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.
Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Agentes Transitários e Camionistas
Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.
JOSÉ DE MELLO & C.ª
Casa fundada em 1898
ESCRITÓRIOS: **Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO**
com **Armazens de Retem e Depósitos**
(Area coberta: 3.000 metros quadrados)
EM MATOSINHOS:
R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903
Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

AO PÚBLICO
A. Castro & Irmão comunicam ao público em geral que a partir de 1 de Outubro se encontram estabelecidos com **Estância de Madeiras nacionais e estrangeiras** e uma secção de **Lenhas para venda ao público**, aos melhores preços, à Rua Abade de Tagilde — Avenida Alberto Sampaio (próximo à Senhora da Guia), Telefone p. f. 4286, pelo que desde já agradecem a todos os clientes que lhes dêm a preferência.
Guimarães, Setembro de 1949.
Adelino de Castro Costa,
353 *António de Castro.*

AFINADOR DE PIANOS
Largo da Condessa do Juncal, 17
399 GUIMARÃES

Guarda-Livros
Aceita escrita. Ainda empregado. Informamos nesta redacção. 375

VENDE-SE
«CASAL DO RIO» — Quintazinha com situação magnífica e toda murada, composta por casa de senhorio, antiga, casa de caseiro e terreno de cultivo, à margem da Rua Latino Coelho, em Vizela, por motivo de partilhas. Presta informações o Sr. Pedro Osório — Rua Dr. Avelino Germano, 98, Guimarães, das 9,30 às 18 horas.

O amor à Terra e à Grei, eis o nosso lema.

MATAR SAUDADES

XLV

O maior disparate que fiz durante a minha permanência em Guimarães, foi positivamente o de ter armado em negociante. Todos sabem que nós, os eclesiásticos, não podemos exercer actividades comerciais ou industriais por princípio algum. Eu, porém, levado pela minha velha paixão dos livros, não resisti à fortíssima tentação, e embalado pelo canto de uma sereia que não era de Guimarães, lá fui no enxurro; e foi assim que nasceu a *Casa das Novidades*. Se eu não fui positivamente o pai da criança, pelo menos baptizei-a, dei-lhe o nome.

Eram meus companheiros de negócio o professor do Internato Sr. António da Silva Godinho e o Sr. António Costa, da Casa do Eido, de Briteiros (Santa Leocádia). Eu, não tendo capital em notas de Banco, apenas concorri com muitos livros franceses que possuia, e com a minha experiência e trabalho.

A *Casa das Novidades* estabeleceu-se no mesmo sítio onde ainda hoje está. Tivemos, é claro, de fazer obras, que não ficaram caras, as estantes, o balcão, etc. Era caixeiro um sobrinho do Sr. Costa, de nome Francisco, muito bom rapaz, que depois veio a parar em Braga, nas carreiras do Sr. Marinho e do Sr. Esteves & Andrea.

De princípio a coisa correu menos mal, mas não tardou que a barca começasse a meter água. Eu e o Sr. Godinho é que estavamos à testa da Casa, como gerentes, pois o Sr. Costa só vinho a Guimarães aos dias de feiras e nem sempre. E quando vinha, bondoso e caritativo como era, não pedia contas de nada, e confiava absolutamente nos gerentes que, por fim de contas, pouco ou nada percebiam do riscado.

A's vezes davam-se na loja cenas que não ficavam bem, e que o bondoso Francisco via com grande desgosto, sem poder atalhar-lhe com remédio.

Enfim, Deus tinha de castigar a minha temeridade, e castigou-a bem depressa. Eu não devia nem podia ser negociante, e Ele, bom pai como é, encaminhou as coisas de maneira a desfazer aquela belíssima e nada exemplar sociedade.

Desses meses de ingrato labor livresco só uma memória ficou: a grande e importante Livraria situada no local da chamada *Feira do leite*, à esquina da Rua do Gravador Molarinho, rivalizando com a Hachetre de Paris, com o Mariette de Turim, com o Bouver de Bruxelas, com o Lelo & Irmão, do Porto, fez gemer os prelos e deitou cá para fora um livro!

Era, felizmente, um livro bom, consagrado a despertar nas almas crentes a confiança em Nossa Senhora. O mundo ficou pasmado ao ver em letra de forma os dois editores: *Vieira* e *Godinho*! E' bem certo que a imortalidade ficou garantida, pois *não se pescam trutas a bragas enxutas*.

Desse livro houve mais tarde 2.ª edição, a cargo da Livraria Cruz, de Braga. Peçam nas livrarias esse belo livro, que serve para animar as almas, para alevantá-las, para aliviar a cruz pesada com que inimigos desalmados, sem fé nem lei, nem brio, nem dignidade, tentam esmagar os nossos débeis ombros. Os que lerem o livro: *O' Maria, confio em Vós!*, bendirão a hora em que o folhearem e compulsarem.

Acabarei por dizer que a *Casa das Novidades* ainda hoje existe. Das nossas mãos trémulas e desajeitadas passou às mãos fortes e potentes do simpático Sr. Francisco Ribeiro de Castro, que tem sabido honrar a firma de que é único sócio.

Ainda teria que dizer mais coisas a certos colegas meus; mas como algnns já estão na eternidade, passa-se uma esponja sobre tudo, e viva a *Casa das Novidades* do amigo Francisco Ribeiro de Castro.

Leia e propague o «Notícias de Guimarães»